

EDITORIAL RT V 9 N 1

Bollos e Lima avaliam a formação acadêmica e a atuação profissional de músicos ligados ao universo da música popular na cidade de São Paulo, demonstrando que esses músicos buscam cada vez mais um aprimoramento pedagógico para suas práticas profissionais e inserção nos programas de pós-graduação – o que corrobora com a visão de Cook, ao ser interpelado por Menger: “Quanto à pergunta de Menger (...) ‘Les musiques populaires ont-elles besoin d’une musicologie (as músicas populares precisam de uma musicologia)?’, minha resposta é previsivelmente sim, pelo menos na medida em que qualquer música precisa de musicologia”¹.

Lima discorre sobre o emprego da hermenêutica (entendida aqui como “modo de pensar a construção da poética interpretativa”) na performance musical.

Brandão parte dos conceitos de intertextualidade e dialogismo para fazer a análise de uma canção de Segredo, levando a “uma reflexão maior que subjaz ao texto”.

Galon apresenta o recorte de uma pesquisa de mestrado em que foram investigados processos educativos envolvendo a criação musical e suas implicações na formação humana das crianças, na medida em que o desenvolvimento do diálogo é pautado na amorosidade, na conquista da autonomia e na busca pela humanização.

Ferreira “reinvestiga” (sic), organiza e centraliza traduções dos registros de termos que designam a viola, desfazendo equívocos, apontando para possíveis novos estudos e identificando padrões ao longo da história.

Larsen traz uma reflexão sobre a trajetória de Francisco Braga, contribuindo para a musicologia brasileira através de uma base teórica ainda pouco difundida, que levanta aspectos como raça, racismo, miscigenação e identidade nacional. Ao não omitir sua negritude, a abordagem permite perceber sua trajetória e reconhecer sua contribuição como “homem negro de seu tempo”.

¹ *Musicae Scientiae* 2001 5: 167. Nicholas Cook. On Qualifying Relativism. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/102986490100505223> (acesso: 20/09/2023).

Nassif coloca em discussão o ensino-aprendizagem da notação musical convencional, questionando sua função nos processos educativos e como a aprendizagem da escrita pode ser pensada do ponto de vista do desenvolvimento.

Valente e Clemente sugerem que o poder ideológico das canções da Vanguarda Paulista (anos 1970 e 1980) já estava neutralizado pela lógica da indústria cultural, analisando canções dos grupos Rumo, Língua de Trapo e Premê.

Este número homenageia o já saudoso Samuel Kerr (1935-2023), com uma entrevista realizada em 1994 pelo Jornal Coral da União², por Castro e L'Abbate. Essa publicação – agora para um público mais amplo – justifica-se por ser absolutamente atual no que se refere à prática do canto coral, tal como a concebia Kerr – que sempre recomendava sua leitura a quem quisesse saber mais sobre ele.

A ABNT atualizou algumas normas que passarão a vigorar no próximo fascículo: o itálico passa a ser obrigatório em palavras estrangeiras, inclusive o latim; não é mais necessário indicar a falta de paginação em citações diretas; as citações entre parênteses, autor-data-página, no corpo do texto serão mantidas em caixa alta e baixa, permanecendo em caixa alta nas referências ao final; não é mais obrigatório o recuo para citações com mais de três linhas, mantendo-se o espaçamento simples e letra 10.

Prof. Dr. Marcos Câmara de Castro
Editor-gerente

2 Órgão de divulgação do Coral da União Cultural Brasil-Estados Unidos.